



**TRANSFORMAÇÕES DA FALA PÚBLICA NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO
XIX:
REPRESENTAÇÕES ANTIRRETÓRICA N'O ATENEU,
EM MACUNAÍMA E N'O GUARANI**

Jessé dos Santos, IC-Fecilcam/Fundação Araucária, Letras, Fecilcam,
ssjesse.santos315@gmail.com

Wilson Rodrigues de Moura (OR), Letras, Fecilcam, wilsonromoura@hotmail.com

1. Introdução:

O presente artigo é resultado de um ano de envolvimento com o Programa de Iniciação Científica da FECILCAM, em que, particularmente em nosso caso, houve o apoio financeiro tanto da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, no período correspondente aos primeiros seis meses, quanto da Fundação Araucária, no semestre final de nosso trabalho.

De início, é válido ressaltar que nosso trabalho justifica-se em decorrência do fato de haver poucas publicações, e mesmo, discussões que enfocam a literatura brasileira do século XIX, com vistas a empreender uma análise discursiva das representações da fala pública, dos ditos e das formas do dizer oitocentista. Ademais, compartilhamos da idéia de que a compreensão dos fenômenos atuais é, direta ou indiretamente, dependente do conhecimento da historicidade que os constituem. Assim, acreditamos que a relevância de nossa proposta está na possibilidade de encontrarmos em conteúdos discursivos da literatura brasileira do século XIX algumas origens para o discurso político brasileiro contemporâneo.

Uma vez que nosso trabalho consiste em, por meio da literatura, identificar e analisar as transformações ocorridas na fala pública, faz-se necessário neste momento que conceituemos esta última. Fala pública é qualquer manifestação lingüística, oral ou escrita, dirigida a grupos ou comunidades que compõem a esfera pública da sociedade, trata-se de uma prática histórica que, por essa razão, apresenta algumas continuidades relativas e diversas metamorfoses, ao longo da história transformando o que ela diz e as formas do seu dizer.

De posse da idéia de que século XIX, não apenas historicamente mas também literariamente corresponde a um período de grandes revoluções, nosso artigo propõe-se a analisar mais intimamente os romances *O Ateneu*, obra realista/naturalista da literatura brasileira escrita por Raul Pompéia e *Macunaíma*, romance modernista escrito por Mário de Andrade, um dos grandes nomes dentre os idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, desse modo objetivamos contribuir, dentre outros, com a identificação e apreensão de



algumas das gêneses modernas da fala pública brasileira contemporânea. Para tal, detivemo-nos sobre certas manifestações discursivas contrárias ao império da grandiloquência que aparecem na narrativa de Pompéia, uma vez que acreditamos que tais representações marcam de algum modo uma nova concepção de fala pública, caracterizada por um relativo rompimento com o passado, em que as formas rebuscadas de se falar eram mais valorizadas do que o próprio conteúdo daquilo que era dito. Dentro de obras como a de Raul Pompéia, identificamos marcas que nos conduzem a uma interpretação dos fatos em que é possível perceber que a literatura brasileira do século XIX, principalmente a partir de sua segunda metade, empregava maior valor às formas claras e concisas de se falar. Em *Macunaíma*, é possível perceber que esta ruptura com as formas clássicas, tanto orais quanto escritas, evidencia-se de maneira ainda mais forte. Já em *O Guarani*, obra a partir da qual faremos observações mais sucintas, perceberemos que a mencionada ruptura se dá muito mais com o clássico como resultado da cultura européia do que como uma aversão aos padrões de escritas grandiloquentes propriamente ditos.

2. Desenvolvimento

Partindo do princípio de que trabalhamos com uma pesquisa de caráter bibliográfico, os resultados aqui obtidos refletem o uso de subsídio teórico-metodológico proveniente da Análise do Discurso (AD), mais precisamente daquela derivada do trabalho de Michel Pêcheux, de onde advém o postulado de que o dizer surge e faz sentido dentro de determinadas condições de produção; e do trabalho desenvolvido por Michel Foucault, sobretudo, seu método arqueológico e proposições em torno da “ordem do discurso”.

Pautados na AD, cremos que seja possível apreender as filiações históricas que constituem os discursos nos quais se apresentam as diferentes manifestações da fala pública oitocentista próprias da e transmitidas pela literatura brasileira; analisar os elementos de suas formulações lingüísticas, detendo-nos no léxico, na sintaxe e na textualidade; e identificar os modos de circulação desses discursos.

Identificando as formações discursivas no arquivo composto pelos enunciados da literatura brasileira do século XIX, torna-se possível depreender e analisar as formas e conteúdos dos discursos, a partir dos quais os diferentes tipos de fala pública se constituem e se formulam.

É necessário salientar também que, à procura de enunciados que caracterizassem formações discursivas anti-retórica na literatura brasileira oitocentista, os estudos literários identificados nas obras de Perrone-Moisés (1998) e de Roberto Acízelo de Souza (1999)

foram de fundamental importância para o desenvolvimento das discussões levantadas ao longo de nosso trabalho.

3. Contextualização das obras que constituem o *corpus*

Dentro do imenso arquivo que compõe a literatura brasileira do século XIX, a escolha d'*O Ateneu*, de *Macunaíma* e d'*O Guarani*¹, como objetos de análise, deve-se ao fato de encontrarmos dentro desses romances não apenas uma grande representatividade literária, mas também, e principalmente, uma evidente manifestação antirretórica. Desse modo, com base nos postulados de Foucault e de Pêcheux, relativos ao fato de não podermos dizer qualquer coisa, a qualquer um, de qualquer modo, bem como o fato de considerarmos que a língua nos oferece inúmeras possibilidades e, mesmo assim, quando a materializamos, somos responsáveis por determinadas escolhas, em detrimento de outras, observamos nas opções realizadas pelos autores das duas primeiras obras citadas acima uma peculiar visão que os caracteriza como sujeitos de seus próprios discursos, e que lhes confere algo de comum: a escolha por uma mesma formação discursiva, observada em manifestações lingüísticas contrárias à retórica.

Neste momento, para impor uma melhor compreensão dos fatos, é necessário traçarmos algumas considerações acerca das obras que serão aqui discutidas, de seus contextos histórico-culturais e de seus respectivos períodos literários.

A começar por *O Ateneu*, é válido dizer que se trata de uma obra narrada em primeira pessoa, na qual o narrador, Sérgio, de 11 anos, conta suas amargas experiências e recordações vividas no internato que dá nome à obra. De acordo com Bosi (1994), *O Ateneu* consiste em uma narrativa que recria de modo artístico e com uma mentalidade adulta, as vivências juvenis do próprio autor, Raul Pompéia. Sérgio seria, na visão de Freud apud Sternberg (1997, p. 198), um “superego” de Pompéia, já que o autor, assim como o narrador-personagem, estudou em um internato, mais precisamente o internato do Colégio Abílio, e que, segundo a crítica literária, do mesmo modo que Sérgio, Pompéia não reteve boas recordações de sua escola de infância.

O Ateneu foi escrito no ano de 1888, ano da Abolição da escravatura. O Brasil, aliás, vinha passando durante este interregno por constantes transformações de ordem política, social, estética, literária, dentre outras. A luta para derrubar a Monarquia era um objetivo comum a muitos artistas e intelectuais. Raul Pompéia, por sua vez, foi um ativista ferrenho tanto contra o regime de escravidão quanto contra a Monarquia, ao passo que imprimia

¹ Obra que será analisada superficialmente.



críticas à sociedade monárquica por meio de suas obras, *O Ateneu*, inclusive, contempla algumas dessas críticas, as quais são personalizadas na figura forte e autoritária de Aristarco, diretor do colégio que é a encarnação da perversidade do sistema.

Quanto aos movimentos literários, a obra em questão insere-se no período conhecido como Realismo/Naturalismo. De um modo geral, podemos dizer que a crítica à sociedade monárquica, depravada e corrupta, associada à análise psicológica dos caracteres, liga *O Ateneu* à corrente do Realismo, enquanto que a interpretação das atitudes das personagens como reflexos de instintos animais, estabelece uma ligação da obra com o Naturalismo. Muitos autores, como Bosi (1994) e Candido (1997), dizem que, além de ser realista/naturalista, a obra carrega traços impressionistas, à medida que as lembranças emotivas e frustrantes do narrador-personagem provocam uma deformação ou uma exacerbação da realidade.

Já *Macunaíma* diz respeito a uma obra publicada cronologicamente em 1928, mas que faz parte da levada de 1922, já que seu autor, Mário de Andrade, esteve dentre os principais idealizadores da Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo no último ano mencionado e que representa um marco na história da literatura brasileira. Portanto, com base nas continuidades relativas e nas metamorfoses identificadas nos fatos históricos, e no tempo peculiar que a literatura apresenta, em nossas análises, consideramos que *Macunaíma* consiste numa obra que identifica, dentro da literatura brasileira, exatamente, o fim do século XIX. Trata-se de um romance classificado por seu próprio autor como uma rapsódia, que é um termo aplicado à música que identifica uma composição baseada em melodias populares ou folclóricas. Dessa maneira, o livro é classificado como rapsódia por apresentar motivos, populares, folclóricos e culturais brasileiros. A obra demonstra a preocupação modernista em aproximar-se da linguagem falada, agrupando termos de diversas regiões e de diferentes origens.

No contexto histórico-cultural do período em que a respectiva obra foi escrita, identificam-se como acontecimentos de grande representatividade os reflexos da Primeira Grande Guerra, o fortalecimento dos Estados Unidos, a forte industrialização de São Paulo, a política do café-com-leite. Além disso, as principais cidades do Brasil apresentavam uma grande agitação cultural.

Nas artes e na literatura, havia uma enorme influência das vanguardas européias, entretanto, isso não significava um assujeitamento da arte brasileira em relação à européia, pelo contrário, as vanguardas eram, na verdade, utilizadas para estabelecer uma valorização mais sólida da cultura nacional.



O *Guarani*, por seu turno, consiste em um romance romântico, ou seja, um romance que faz parte do período literário do Romantismo e que foi escrito por José de Alencar. Este, por sua vez, produziu vasta obra que traz em seu bojo um importante instrumento para o conhecimento da nação brasileira, uma vez que, por meio de seus romances, o autor traça um amplo painel que permite uma visão panorâmica da terra, do povo, da história e da cultura nacional.

O *Guarani*, dentre os estilos de romances desenvolvidos por Alencar, pode ser descrito como um romance histórico que mostra a união da cultura européia com a natureza e a terra americana para a formação da nação brasileira.

4. Manifestações antirretórica nas obras

Findadas as considerações acerca das obras analisadas e de seus contextos, faz-se necessário no presente momento que apresentemos efetivamente os resultados diretamente ligados ao nosso problema de pesquisa.

O enfraquecimento da retórica a partir do século XIX marca o início das transformações da fala pública brasileira. Dentro da literatura nacional, percebemos que esta repulsa ao jeito “pomposo” de se falar é identificada mais brandamente no Romantismo, passa pelo Realismo, marcado por uma exacerbada preocupação com o modo de falar direto e objetivo, e culmina com o Modernismo, onde não só os valores culturais nacionais passam a ser mais valorizados, como a própria escrita dos autores, muitas vezes, tentam reproduzir o modo de falar do povo brasileiro, o que, conseqüentemente, acarreta numa forte desvalorização da grandiloqüência.

Acerca de nossas observações sobre *O Ateneu*, é válido ressaltar que este se mostra, nas palavras de Perrone-Moisés (1988, p.175), um “líbelo contra a retórica”, na obra são inúmeros os momentos em que nos deparamos com críticas diretas e indiretas acerca do falar difícil, situações estas que podem ser observadas no trecho abaixo, retirado do romance de Pompéia:

Uma hora tremejou-lhe à boca, em sangüínea eloqüência, o gênio do anúncio. Miramo-lo na inteira expansão oral, como por ocasião das festas, na plenitude de sua vivacidade prática. Contemplávamos (eu com aterrado espanto) distendido em grandeza épica – o *homem sanduíche* da educação nacional ladeado entre dois monstruosos cartazes. As costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o seu ventre, para frente, o seu futuro; o reclame dos imortais projetos. (1997, p.45)



Por meio do trecho apresentado, notamos que o posicionamento do narrador contra a retórica é intensificado pelo fato do diretor Aristarco ser, naquele momento, o sujeito que profere seu discurso utilizando a eloquência. À medida que Aristarco constitui o anti-herói da obra, todas as suas atitudes, seu modo de ser e, por extensão, de se expressar, inclusive oralmente, significam algo que conseqüentemente deve ser interpretado como ruim na visão do narrador-personagem. A eloquência, como se pode notar, é completamente ironizada por Sérgio, que estende tal ironia à figura de Aristarco, como se o fato deste último utilizar a retórica para se expressar acarretasse diretamente na degradação de sua imagem, como diretor e como ser. Aristarco, aliás, é ironizado pelo narrador durante todo livro, entretanto, é importante ressaltar que o diretor funciona apenas como um subterfúgio utilizado por Pompéia para satirizar o imperador e a sociedade monárquica em que vive.

A esse respeito outro ponto alto da obra diz respeito ao discurso que o professor Venâncio faz em defesa do mestre, e de Aristarco:

O mestre, perorou Venâncio, é prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o Estado é a segurança civil; o mestre, com o amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus – Aristarco. (1997, p. 35)

Uma vez que ao longo da narrativa a imagem do internato, e dos mestres que ali lecionam, é, pouco a pouco, desconstruída, a crítica à retórica encontra-se implícita no trecho citado por evidenciar que a eloquência funciona como a personificação de algo vazio e totalmente desprovido de verdade. Não podemos esquecer que Sérgio, naquele momento, narra suas memórias juvenis, das quais todos os fatos já lhe são conhecidos, portanto, ele conhece bem a falta de eficiência e de verdade que são conferidas a tais discursos.

Sem termos o objetivo de confundir autor com narrador-personagem, mas, por outro lado, conscientes de sua clara aproximação, é possível enxergar em *O Ateneu*, que Pompéia procura se libertar de suas amargas lembranças guardadas do internato do colégio Abílio. O próprio Mário de Andrade (1943, p. 173) não hesita em ver o referido romance como uma vingança de Pompéia contra seu, já citado, regime de internato.

Perrone-Moisés afirma que esse posicionamento vingativo deve-se ao fato do internato caracterizar uma:

experiência existencial intimamente amarrada a uma experiência cultural: a convivência cotidiana e forçada com certo saber, veiculado por certo discurso, impregnado de certa ideologia. Ducasse e Raul Pompéia beberam, até a indigestão, o mesmo leite discursivo: o leite gordo da retórica liceana que, pretendendo alimentar os jovens espíritos, neles inoculava o veneno de uma ideologia hipócrita e interesseira. E ambos rejeitaram esse alimento envenenado. (1988, p. 18)

Isso, além de corroborar a aproximação entre Sérgio e Pompéia, traz a idéia de que o posicionamento contrário à retórica com o qual nos deparamos no romance, tem fundamento na própria vida do autor.

Ainda segundo Perrone-Moisés (1988, p.32-3):

Essas críticas implícitas, por ironia e por paródia, desembocam numa crítica explícita ao ensino e ao uso da retórica nos liceus (...) N'O *Ateneu*, encontramos os próprios discursos dos mestres, resumidos ou citados integralmente por Raul Pompéia, num tom que exprime de forma clara a rejeição do autor com relação a essa retórica.

Por meio dessas observações, podemos notar que, mesmo com posicionamentos contrários como o de Pompéia, enquanto o regime do Império vigorava, a retórica era enxergada como uma disciplina obrigatória, e indispensável ao ensino. A situação só muda com a Proclamação da República quando, conforme Souza (1999, p. 36), há “o banimento da retórica-poética do sistema de ensino”, pois trata-se de um momento político em que se pretende valorizar o novo e o nacional em detrimento do antigo e do estrangeiro. Assim, podemos dizer que a Proclamação da República contribui significativamente para o enfraquecimento da retórica.

A questão d'O *Ateneu*, entretanto, torna-se um pouco mais complexa, uma vez que, ao mesmo tempo que há representações discursivas anti-retórica, a linguagem, isto é, as construções estilísticas utilizadas pelo autor, dão um estilo pomposo à obra, a esse respeito é válido observar o que diz Mário de Andrade:

O *Ateneu* é outro mundo expressivo outro estilo. Agora não se desdenha a pompa, a eloqüência do dizer é largamente usada, e o brilho das imagens, a raridade vibrante das comparações o ritmo opulento atingem o abuso e algumas vezes o mau gosto (1943 p.181)

Portanto, se as atitudes irônicas de Sérgio frente a seus mestres, bem como a evidente presença do sentimento de vingança de Pompéia em relação ao internato do Colégio Abílio são os fatores que denotam manifestações discursivas anti-retórica n'O

Ateneu, em *Macunaíma*, as representações de tal ordem, são frutos das escolhas léxicas e gramaticais do autor, que, ao incorporar elementos folclóricos, indígenas e populares a seu texto, subverte a linguagem, produzindo desse modo enunciados que fogem completamente aos padrões convencionados como clássicos. É o que pode ser observado no fragmento abaixo que faz parte do primeiro dos dezessete capítulos da obra:

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros... Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos gaimuns diz-que habitando a água doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo. (1997, p. 13)

Em *Macunaíma*, há segundo Acízelo de Souza (1999, p.90) outras manifestações que são verdadeiros ataques ao espírito retórico, como o décimo primeiro capítulo, intitulado “Carta pras Icamiabas”, a qual constitui uma “paródia rasgada da mentalidade e dos processos retóricos, especialmente na sua associação com a atitude vernaculista, por meio da utilização irreverente” da carta que, na época, era conhecida por possuir grande nitidez formal no que concerne à arte do bem dizer.

Muitas palavras de origem indígena; outras grafadas incorretamente, como “guspe”, “si”; vocábulos que significam a mesma coisa e que, mesmo assim, ora são escritos corretamente, ora de maneira inadequada aos padrões de escrita defendidos na época, exemplo, “para” e “pra”; além da ausência de vírgulas, a qual pode ser observada no último período do fragmento acima, isso tudo confere à *Macunaíma* uma linguagem peculiar, construída por meio de escolhas lingüísticas revolucionárias que desafiam os cânones da literatura e, por extensão, da retórica.

Não podemos deixar de observar que Mário de Andrade é considerado “o papa” do Modernismo brasileiro e que, assim, sempre preconizou em suas obras a liberdade de expressão, o cotidiano, o coloquialismo, que, como pudemos observar através do citação retirada de *Macunaíma*, é resultante da desintegração da linguagem literária tradicional.

Na intenção de valorizar temas nacionais, Mário de Andrade dá a *Macunaíma* características camaleônicas, o “herói sem nenhum caráter” não é a síntese dos tipos brasileiros, mas sim a aglutinação alegórica de alguns desses possíveis tipos, entre eles: o individualista, o malandro, o sofredor, o debochado, o sedutor, tudo isso retratado em uma sociedade cujos procedimentos são mentirosos e danosos para a maioria das pessoas.



Pela utilização de um linguajar praticamente vulgarizado, *Macunaíma* é uma afronta indireta à retórica, é uma obra muito provocativa, sobretudo pelo fato de seu autor ser um contestador das convenções e, dessa maneira, subverter, propositadamente, as coisas.

O Guarani, na verdade, não carrega traços significativos de manifestações discursivas contrárias à retórica. Em sua leitura, é possível perceber uma escrita que pode ser considerada nobre, e carregada de pompa, principalmente quando da descrição dos espaços, parte para a qual o autor demonstra grande preocupação. A obra só pode ser considerada anti-retórica quando se estabelece uma relação com o período literário em que fora escrita, isto é, o Romantismo e, ao passo que ligações são feitas entre o nacionalismo defendido por uma das gerações românticas da literatura brasileira e o heroísmo que a personagem indígena “Peri”, desempenha na obra. Além disso, há a exacerbação quanto as descrições das belezas naturais do Brasil. Tudo isso, à medida que se desvencilha dos padrões e temas europeus, ainda que de maneira muito leve, caracteriza a referida obra de Alencar como uma obra que, de maneira muito tênue, apresenta o que se pode chamar de princípio de manifestações contra a retórica. Tais manifestações, com o se pôde perceber acima, tornam-se mais fortes no decorrer dos anos.

5. Conclusões finais:

Com base nas obras analisadas, podemos concluir que a literatura brasileira oitocentista, quando de suas representações lingüísticas anti-retórica, evidencia marcas que direta ou indiretamente se associam às metamorfoses observadas no interior da fala pública. Do mesmo modo, é possível afirmar que, se considerarmos o fato do Romantismo preexistir ao Realismo/Naturalismo e deste último preexistir ao Modernismo e, por extensão, obviamente, *O Guarani* preceder ao *Ateneu* e este preceder à *Macunaíma*, notaremos que as manifestações contra o estilo tradicional e empolado de se falar sofrem uma mudança gradativa que é intensificada ao longo dos anos e conforme as características dos estilos literários, e que, mesmo assim caracteriza-se por apresentar, como dissemos anteriormente, continuidades relativas e diversas metamorfoses, posto que nada muda de uma hora para outra, nem de maneira tão profunda, que não carregue marcas daquilo que era antes da ocorrer a mudança. Além disso, não se pode deixar de atribuir ao menos parte das mudanças observadas na fala pública oitocentista às transformações de cunho sócio-histórico-cultural, que ocorreram abundantemente em no século XIX.



6. Referências:

ANDRADE, M. de, **Macunaíma**. São Paulo: Klick Editora, 1999.

_____. **Aspectos da Literatura Brasileira**. Americ, 1943.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**, 2v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

_____. **A Ordem do Discurso**. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PERRONE-MOISÉS, L. **O Ateneu**: retórica e paixão. São Paulo, Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo: 1998.

PIOVEZANI, C. **Verbo, Corpo e Voz**: reflexões sobre o discurso político brasileiro contemporâneo. (Tese de Doutorado). Araraquara: UNESP, 2007.

_____. Representações da fala pública nas assembléias homéricas.

POMPÉIA, R. **O Ateneu**: crônicas de saudade. São Paulo: Klick Editora, 1997.

SOUZA, R. A. de. **O Império da Eloquência**: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

STERNBERG, J. R. Personality. *In*: **Introduction to Psychology**. Fort Worth, TX: Harcourt Brace, 1997.